Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

ANO NOVO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E NOVE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba – SP

Dezembro 2026

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

ÍNDICE

FONTE VIVA.....03
DO PAÍS DA LUZ (Volume I).....04
DO PAÍS DA LUZ (Volume IV).....07
EÇA DE QUEIRÓS, PÓSTUMO.....16
A GÊNESE.....17

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

FONTE VIVA

56

RENASCE AGORA

F. C. Xavier – Emmanuel

"Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus." — *Jesus.*

(JOÃO, 3:3.)

A própria Natureza apresenta preciosas lições, nesse particular. Sucedem-se os anos com matemática precisão, mas os dias são sempre novos. Dispondo, assim, de trezentas e sessenta e cinco ocasiões de aprendizado e recomeço, anualmente, quantas oportunidades de renovação moral encontrará a criatura, no abençoado período de uma existência?

Conserva do passado o que for bom e justo, belo e nobre, mas não guardes do pretérito os detritos e as sombras, ainda mesmo quando mascarados de encantador revestimento.

Faze por ti mesmo, nos domínios da tua iniciativa pela aplicação da fraternidade real, o trabalho que a tua negligência atirará fatalmente sobre os ombros de teus benfeitores e amigos espirituais.

Cada hora que surge pode ser portadora de reajustamento.

Se é possível, não deixes para depois os laços de amor e paz que podes criar agora, em substituição às pesadas algemas do desafeto.

Não é fácil quebrar antigos preceitos do mundo ou desenovelar o coração, a favor daqueles que nos ferem. Entretanto, o melhor antídoto contra os tóxicos da aversão é a nossa boa-vontade, a benefício daqueles que nos odeiam ou que ainda não nos compreendem.

Enquanto nos demoramos na fortaleza defensiva, o adversário cogita de enriquecer as munições, mas se descemos à praça, desassombrados e serenos, mostrando novas disposições na luta, a ideia de acordo substitui, dentro de nós e em torno de nossos passos, a escura fermentação da guerra..

Alguém te magoa? Reinicia o esforço da boa compreensão.

Alguém te não entende? Persevera em demonstrar os intentos mais nobres.

Deixa-te reviver, cada dia, na corrente cristalina e incessante do bem.

Não olvides a assertiva do Mestre: — "Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus."

Renasce agora em teus propósitos, deliberações e atitudes, trabalhando para superar os obstáculos que te cercam e alcançando a antecipação da vitória sobre ti mesmo, no tempo ...

Mais vale auxiliar, ainda hoje, que ser auxiliado amanhã.

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

DO PAÍS DA LUZ (Volume I)

Eça de Queiroz - Fernando de Lacerda

Cap. XXXV (228)

31 de Dezembro de 1906 (à meia noite).

Está, a exalar o último alento o ano de 1906.

Daqui a horas terá entrado, no largo colapso da História, o ano que me aproximou de ti. Para mim constituiu isso nele uma boa recordação, e motivo para lhe perdoar de bom grado quanto de mau e de idiota ele semeou pela Terra.

Que, afinal, para mim é inteiramente indiferente que ele ou outros, no seu lento perpassar, deixem cair das dobras do velho manto do tempo a flor rubra do mal ou a cândida açucena do bem. No meu velho tonel de cínico tem igualmente aceitação o sol que aquece, como a sombra que refresca. Ambas as coisas são excelentes, conforme o momento em que as apetecemos. Não chegarei nunca a distinguir o bem do mal senão na problemática intenção de quem os prática.

E' inegável que o Sol, não deixa de ser um bem no mundo, mas não deixa de ser uma refulgente verdade, que quem o aguente a pé firme, à torreira, por horas sucessivas, maldirá esse bem, para bendizer o frio dos brumosos dias de Dezembro.

Tive na vida muitas e demoradas ocasiões de ver quanto é relativo todo fato subjetivo. Não há melhor laboratório de estudo que a nossa própria vida. Olhando para ela como para um poço escancarado, vamos encontrar-lhe exemplos da vida de toda a gente, diferenciando-se tão somente na coloração ou na intensidade.

Fato que para um afetivo constitui dor sem limites, afogado em lágrimas e esmaltado de exclamações doloridas, como uma fatia de paio esmaltada de ervilhas verdes de conserveiro, para um fleugmático equivale a ligeiro acidente, somente digno de reparo, porque veio quebrar a monotonia da sua vida, com um aspecto eventual e novo.

Ora, o fato é o mesmo; o modo de apreciá-lo é que é diverso.

Assim o bem e o mal, para cada pessoa a quem eles vêm, têm o aspecto com que cada qual os encara.

Habituei-me a pensar assim.

Talvez que por isso mesmo não conheça as grandes intensidades na dor ou na felicidade.

Organização temperada, uma espécie de Nice humana, entre o clima tórrido do entusiasmo e o glacial da indiferença — sem contrastes mas sem desequilíbrios.

Não desgrenhava a gaforina, nem avermelhava os olhos em manifestações convulsivas de dor brava, mas também não escancarava a boca, nem comprimia o ventre nas ruidosas convulsões de um riso epiléptico., Fiquei-me no meio termo; naquilo em que reside a virtude dos latinos.

Assim a serenidade raramente me abandonava ou abandona.

Neste belo estado de alma, em que chego a perguntar a mim próprio se o ilustre frei João Sem Cuidados da anedota entroncaria em algum dos rebentos da minha árvore genealógica, deves compreender, à maravilha, a indiferença com que, nesse mundo, me deitava à noite em uma fase convencional do tempo e me levantava em outra.

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

O dia de hoje será sensivelmente igual ao de amanhã, como o foi ao de ontem. Só se distinguem,
não pelo que se passa neles, mas pelo que se passa no âmbito em que nós gravitamos.

Em todos os dias termina um ano, e em todos os dias começa um ano novo. Para que em nossa vida se operem modificações, para que saibamos apreciar os fatos, lutar, rir, amar, sofrer, não necessitamos nada do calendário gregoriano.

Não é pelo nascimento de Cristo, nem pelas referendas da Hégira, que apreciaremos as fases evolutivas da ideia no nosso cérebro, nem do sentimento no nosso coração.

Podia deixar de haver a folhinha do Borda d'Água, que nem por isso deixava de haver homens que se quisessem mal; mulheres que se invejassem; usurários que esfolassem o próximo, e próximo que iludisse o seu semelhante; como não deixaria de chover, de fazer sol, de haver cogumelos, e de nascerem asnos e tolos, por esse vasto mundo de singularidades e de contrastes berrantes como o fato de uma cigana.

Compreendo, entretanto, muito bem, que em nossa vida derreada através do tempo se assinale com uma referência brisante em nossa memória o dia em que Deus nos deu um filho, que constituirá a preocupação dominante da existência; ou com o acerado cravejamento de um espinho em nosso coração aquele outro dia em que esse filho, quebrando confrangedoramente o sonho do nosso amor, se deixa aniquilar aí pela morte; mas para essas coisas e outras idênticas não se inventou o dia 31 de Dezembro nem o dia primeiro de Janeiro.

Para rememorar com saudade o nosso primeiro amor, a nossa primeira esperança; ou para evocar, com dolorida mágoa, o nosso maior desgosto; a perda da nossa mais fagueira ilusão, a traição primeira da nossa mais bela amante ou do nosso mais dileto amigo, não cuidamos de fixar o dia a que estamos na semana, nem a que distância do final do ano.

Quando a data entra na referência, é como um
sinal, um incidente; coisa mínima, como um pedaço de ferro que ergastule um diamante, ou pingo de sebo que manche um vestido cetinoso e branco de noiva.

Há pessoas que no uso e abuso das exterioridades de que a hipocrisia se mascara, se entre- têm a moer aí alguém com boas festas e apetecimentos de anos de ventura no primeiro dia do ano, e se esfalfam, durante todo esse ano, a penitenciarem-se do seu desejo, inventando tudo quanto seja possível para torturar e dilacerar a vida a esse alguém.

Para te desejar venturas não necessito de esperar que o calendário me diga, na sua mutação fútil e fria, o dia em que tas devo desejar. Desejo-tas quando te queira bem; e isto de querer bem não se dá com o metro, com o quilo nem com a folhinha.

Não é coisa que se venda nem que se regulamente ou escriture.

Esperar dias para rir ou para chorar; esperar épocas para endossar afetos ou desejar felicidades, será muito metódico, muito comercial, mas é muito pífio e muito reles.

E' possível que se abone com o hábito, como a ignorância pode abonar-se com a rotina; mas foi isso que eu procurei escavacar quando por aí andei e sentia os meus movimentos peados como um fogoso poldro na lezíria a que prendessem os pés para não saltar; e não estranhes que ainda daqui, onde essas velharias não têm o valor de um maravedi manuelino, eu despeje a minha aljava em crivar de setas os ridículos e as pretensões idiotas da civilização humana.

31 de Dezembro, 1 de Janeiro!

Boas festas!...

Ora os patetas!...

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

Cap. XXXVI (232)

JÚLIO DINIZ.

1 de Janeiro de 1907 (logo em seguida à meia noite de 31 de Dezembro de 1906).

Ano Novo, Ano Bom!

Creio que o sentimento é composto de um tecido de pieguices e de frivolidades, que a nossa tristeza doura, e a sensibilidade sagra. Não me iludo. Vejo que os espíritos fortes e sãos daí e daqui passam por sobre esses pequeninos nadas, que constituem o encanto de um sentimental, como os sapatos grossos dos mineiros passam por sobre as mil pequeníssimas esquírolas dos diamantes que a sua picareta arranca na mina; ou como as grossas botas do lavrador sadio esmagam as lindas florinhas que esmaltam os campos. Não se preocupa com semelhantes nadas quem anda na busca de coisas grandes, úteis e práticas; mas os sonhadores, a quem essas coisas úteis pouco interessam, admiram e adoram essas florinhas e esses diamantes infinitamente pequenos, em que se contêm maravilhas de luz, de beleza ou de aromas e de cor.

Não devem querer-nos mal por isso. A harmonia universal consiste, especialmente, nos cambiantes das aspirações como nos cambiantes da luz.

Todas as cores reunidas é que dão a cor branca. Nenhuma das cores do espectro solar tem que invejar ou malquerer as outras, porque todas têm a sua função e a sua utilidade.

No espectro do sentimento humano, todos os sentimentos têm utilidade: o dourado do sonho; o rosado da ilusão; o azul do ciúme; o vermelho do ódio; o branco da pureza; o verde da esperança; o violeta da saudade e o preto, que representa a ausência de sentimentos bons, a negação, o desespero, como na física representa a ausência da cor.

Deixem-me, pois, os espíritos fortes viver e amar na região do sonho, na região da puerilidade.

Nada há mais pueril do que as crianças; e nada há mais belo do que elas.

Nem tudo nas convenções sociais representa hipocrisia.

Às vezes uma pequena puerilidade manifesta tanta ternura, como o beijo de uma mãe amorável. Para que havemos de tentar extinguir essas futilidades, que não fazem mal, e constituem o encanto do nosso coração?

Há, pelo menos na Terra, tantos momentos em que o pobre homem é chamado à dor da realidade, que será caridoso e bom não lhe arrancar esses pequeninos véus rosados da fantasia, com que ele quer esconder as coisas materiais e feias da vida. Será arrancar das três achas da mendiga de que fala Guerra Junqueiro — um bom, um simples, um santo.

Se isso não faz mal, para que destruí-lo?

Se a própria natureza oculta, às vezes, os abismos e as rochas sob verdejantes tapetes de flores; se o mar prateia, por momentos, o negrume das suas penedias, com a alvura da sua espuma; se o sol doura os morticínios e as podridões, para que se há-de afadigar o homem em querer mostrar a verdade nua, esquelética, disforme às vezes e às vezes bela como uma virgem, mas sempre despida de encantos?

Se a própria Natureza escolhe uma hora propícia a cada ato, sem a qual a planta não floresce, a chuva não cai, o Sol não se mostra, a criatura não nasce, a ave não canta, o homem não fala, a luz não dissipa a treva, a virgem não ama, a flor não desabrocha, o fruto não amadurece e até o progresso não chega; porque se há-de querer impedir a sociedade

VADE MECUM ESPÍRITA - ANO 2010

de convencionar paragens na sua marcha extenuante, para que os seus caminheiros desejem, entre si, bons dias e bons anos, numa doce aspiração de solidariedade; — ou para chorar e recordar os companheiros queridos que foram ficando pela aspereza do caminho, ou pela terminação da viagem? Não é chorar a horas certas, nem rir em períodos fixos. E' estabelecer paragens para tomar fôlego na carreira, e alento para prosseguir; é alhear-se momentaneamente dos tormentos da viagem, para ver o espaço andado, e recordar onde ficou uma flor de saudade, o martírio de uma dor; onde se abriu uma cova, ou onde se armou um berço; onde se sofreu uma traição, ou onde se santificou um amor.

Olhar para o passado é aspirar para o futuro.

Não haveria progresso se não houvesse recordação.

Às datas, na vida, são a parte materializada das coisas de ordem moral, e a parte espiritualizada das coisas de ordem material. A data do nosso primeiro amor, da nossa primeira saudade ou do nosso primeiro sofrimento, é o marco miliário, posto pela nossa memória no espaço indefinido da eternidade; como a data da morte de uma pessoa venerada ou amada, de um descobrimento na evolução do progresso, na dinâmica, na mecânica, na mineralogia, na astronomia ou em qualquer outro ramo do saber humano, na sua fórmula concreta, sintética e material, é o traço espiritual que une, em nossa memória, a ideia prosaica do fato à espiritualidade do nosso saber impalpável, mas real e progressivo.

Eu, que penso assim, presto culto à pieguice banal da convenção: e venho desejar a todas as almas que vivem no seu cativeiro terreno, em geral e à tua em particular, um ano feliz naquele que entra hoje.

Um ano novo é sempre uma aspiração e uma interrogação. Quantas coisas se perguntam ao ano novo? Quantas se esperam dele?!

Quem sabe se chegará, aí, a outro ano novo?

Quem sabe se com o ano novo lhe virá mudança de sorte, perda de ilusões, aumentos de ventura, lágrimas de amargura, sorrisos de felicidade?

Quem sabe? Quem sabe?

Cada um deve fazer como a abelha: — sugar os bálsamos da flor, enquanto a flor abre as suas pétalas à luz. Deve tirar da vida o que ela tiver de melhor no aroma sutil e espiritual do sentimento, e no suco doce e aromático da prática do bem e do amor a Deus e ao próximo. Trabalhar, trabalhar assim sempre, como aquele dourado e alado obreiro; e em qualquer ligeira paragem, para descanso coletivo na grande colmeia social, sorrir para os companheiros, e fortalecê-los, animá-los e amimá-los, com palavras amigas, de ternura e bom desejo.

Ano Novo, Ano Bom! Bom ano, boas festas, meu querido amigo.

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

DO PAÍS DA LUZ (Volume IV)

Fernando de Lacerda

Cap. IV §13 (26)

Eça de Queiroz

BOAS-FESTAS?

Não venho a dar boas-festas a ninguém.....
.....§13 (28

Se não dou boas-festas, como coisa que não tenho para distribuir com gentil generosidade, não quero deixar que o ano novo entre, burocraticamente, no exercício do seu cargo, sem que por ele eu traga palavras de lembrança e de simpatia àqueles que eu ainda amo, aí, e àqueles que porventura possam lembrar-se de mim.

Essas palavras são: *recordo-as com saudade.*

Não pensem, entretanto, que é saudade por não estar aí com eles... Não. E!, ainda que isso os assombre, de não estarem já comigo...

Quando olho daqui para esses a que me prendem laços fortes de amizade e de amor e os vejo afastados uns dos outros, esmagados por sofrimentos, aperta-se-me o coração. Nenhum vejo fruir a paz, a doce paz, onde a alegria canta e a felicidade faz ninho. Por sobre todos adeja a Angústia ou a Incerteza. Nenhum olha, sem estremecer de raiva ou de inquietação, o minuto seguinte. O futuro apresenta-se a todos como nuvem temerosa, prenhe de borrascosas tormentas, e a vida balança-se-lhes na ressaca agitada, como chaveco sem governo. Os mais fortes hesitam e temem; os mais fracos tremem e apavoram-se.

E o que se passa com aqueles que venero com o meu afeto, passa-se com todos os outros, aqui, ali, em toda parte, nesse mundo.

Não há cérebro, dos que se dão ao trabalho de pensar, que não esteja em desordem, como espelho minúsculo do estado em que se encontram as sociedades a que pertencem. Está tudo revolucionado. E' uma revolução geral, de alto a baixo, distribuída a retalho aos domicílios.

A desorientação espalha-se, profunda, ataca por toda a parte, como poeiras microbianas que o vento transporta. Nasce das lamas das ruas, pulveriza-se, voa, pousa nas consciências, nas almas, no juízo, como nos comércios, nas indústrias, nas sociedades, nos orçamentos caseiros e nos orçamentos dos povos. Nas cabeças e nos corações pululam pensamentos e sentimentos antagônicos que se chocam e se guerreiam, como nas velhas mágicas aparatosas lutava a linda fada do Bem com o vermelho gênio do Mal.

Ao invés, porém, do que sucedia nas mágicas para gáudio das crianças e dos espíritos simples, que apeteciam o triunfo da justiça como calmante para um sono tranquilo, cheio de deliciosas fadas e de alçapões benévolos, o que triunfa quase sempre é o gênio do Mal.

O que vence, nesses círculos de luta, comprimidos pelas paredes cranianas, é o atleta que firma as suas forças no ódio, no egoísmo, na audácia sem escrúpulos, no desprezo pela bondade e pelo interesse dos outros; e daí toda a confusão babilônica em que tudo se baralha e move.

Devo dizer, em ar de explicação, que não tomo, no meu cômputo de cérebros, essas cabeças que muita gente conduz nesse mundo, empeladas e erguidas sobre os ombros, que podem servir otimamente para cabides de chapéu e de carapuças, ou para seção ambulante de parque zoológico, mas que não prestam para delicada e fina retorta onde se elabora e destila a sutil essência do pensamento humano; nem considero coração esse músculo vermelho e duro, simples êmbolo do sangue que circula nas artérias e nas veias, e que, nesta animal qualidade, pode jogar primazias com os seus congêneres de qualquer

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

alentado boi de charrua, ou de preguiçoso suíno na engorda; mas nunca poderá semelhar o espiritual espelho onde possa refletir-se e de onde possa projetar-se toda a gama rica dos sentimentos humanos.

Os possuidores de tão rudimentares preciosidades vivem habitualmente na doce paz das jiboias: — comem, digerem e dormem.

Se o ano novo surge aí numa alvorada vermelha de sangue, escura de incerteza, rumorejando estertores e gritos de dor e de agonias; se em cada peito divisamos, dilacerando, o sofrimento; se as almas se repelem e os povos se trucidam, ou aprestam, formidáveis, para a chacina horrenda e universal, como havemos, nós outros que daqui seguimos ansiados a marcha da avalanche, falar em boas festas, como parvos despreocupados da sorte que a todos espera?

E, nesta altura, deixa que espraie a vista pela crosta pardo-verde desse mundo, na busca da Paz, da Caridade e do Amor, que tantos iluminados têm pregado e que tantos martírios têm santificado.

Onde se encontram? Onde se encontram?

Andam, talvez, a procurar nesse mundo quem realmente goze de boas festas...

Cap. XXII(117)

Eça de Queiroz

Seja eu quem estreie, para ti, o ano_novo, sem embargo de me crer, de todos, o mais incompetente para isso, dado o meu singular modo de ver sobre os períodos fixos em que a Humanidade diz banalidades douradas e faz futilidades solenemente regradas pelo cerimonial litúrgico das grandes festas do convencionalismo.

As mesuras requintadamente elegantes do século XVIII tinham, na deliciosa curva da elegância, na silhueta, finamente estética, das suas linhas, um *quid* espiritualmente distinto, que fazia perdoar-se-lhe a sua futilidade de minuete.

Os cumprimentos na sociedade, que passavam através do desfranzir de lábios preciosamente ensaiados e isocronicamente medidos, como um compasso de Belini, mascaravam, com aspectos gentis e graves, a mais superficial das educações mundanas .

Mas tudo se lhe pode perdoar ao evocarmos o escorço lindamente artístico em que se mantinham as reuniões empoadas, de ricos punhos de rendas d'Alençon, de soberbas casacas bordadas em silve- dos preciosos.

Os cumprimentos, como as preocupações do traje, constituíam poemas de puerilidade a que a fantasia, idealmente artística, emprestava encantos de miniatura, riquezas de cor, que faziam desses pequeninos nadas, em que assentava a etiqueta des se século fútil e revolucionário, uma rara moldura preciosa, ou um cinzelado benevenutiano em que se enquadrava toda uma civilização decadente e fidalga, de uma fidalguia arruinada, mas sempre distinta, sempre espiritualmente elevada e nobre, que nenhuma outra igualará mais.

Assim, desculparia eu o convencionalismo. Tinha a arte a velá-lo com a gaze tenuíssima da fantasia e a alindá-lo com a elegância ideal das suas formas e, talvez, um pouco a poetizá-lo com a ilusão de cavalheirismos idos, de que conservava ainda finas e nobres aparências.

Mas, num século essencialmente prosaico como o que vamos atravessando, em que o homem vem vindo em som de guerra contra tudo o que a fantasia e a sentimentalidade

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

humana se comprazia em adorar; quando, num belo gesto de desfastio, quebra as suas relações com Deus, suprimindo-o, como luxo desnecessário, da sua sociologia; em que procura expungir do coração a sentimentalidade; em que, finalmente, se creia como ideal rutilante a atingir a conquista do máximo gozo material, como divinização do Eu, acho anacrônico o costume tradicional das festas anuais.

Dá a sensação de ver uma linda figurinha de Saxe entre as panelas de barro de um louceiro do Porto. Choca, como se, numa reunião friamente protocolar, aparecesse um poeta boêmio dos outeiros freiráticos de D. João V, ou se, nas reuniões bacalheirescas de um quinto andar da rua dos Banqueiros, surgisse um peralta de justa casaca de seda branca, cabeleira empoada e sapatos de fivela.

Admito, sem protesto, o conservantismo feroz da sociedade.. Britânica.. Ali, se cada filho da loura Albion encara a vida numa rigidez forte como os seus sapatos quadrados, também conserva intacta no coração, religiosamente guardada no tabernáculo ideal da sua fé, a parte espiritual de idealismo e de sentimentalidade que lhe foi distribuída desde que a sua ilha começou a deitar a cabeça fora do oceano.

Adora o *gin;* emborracha-se de boa cerveja ou do melhor vinho do Porto; esbulha, como pode, o resto do mundo de todas as regalias ou de todas as preciosidades de que pode lançar mão, ou onde pode assentar a sua grossa pata ferrada; mas tudo dentro da linha traçada ao seu *"struggle for life"* material.

Quando fecha a porta do seu estabelecimento e arruma o seu livro comercial, voltando a sua face rubicunda à parte sentimental da sua organização forte, então, despoja-se de tudo que sejam preocupações utilitárias e chatamente prosaicas, rendendo-se, sem reserva, às pieguices e às infantilidades queridas da sua fantasia serena de povo frio.

Faz como os maometanos, ao entrarem nas suas mesquitas: — deixa à porta os chatins com que calca a terra profana. Dá a Deus o que é de Deus e ao *Here Gracious King* o que ao King pertence. Não baralha, não confunde as coisas logicamente inconfundíveis. Conhecendo, na sua utilidade prática, o valor do tempo, arruma-o metodicamente nos armazéns de sua vida, como artigo de inestimável valor comercial, e aplica-o, e dispõe dele com a regularidade de uma escrita por partidas dobradas, idealmente montada. Tantas horas para comércio, tantas para o *Home,* tantas para o Templo, tantas para a correspondência sorna de negociante calculista; tantas para o *Times* e tantas para a Bíblia. Está neste método e neste conservantismo conciso o segredo do seu poder, a perfeição do seu caráter, a superioridade da sua raça.

Ninguém estranha que um inglês, que não seja casto, seja cauto. O artifício da pudicícia inglesa é coisa tão normal, tão natural, que só seria causa de admiração se não existisse.
Num povo assim, em que tudo é regrado, cadenciado, hirto, como o passo de um patrulha militar, em que a base granítica da sua vida, do seu poderio, da sua educação, assenta no método, na convenção pautada em linhas retas como aristocráticas folhas de papel velino, não se pode deixar de admitir que se consagre, dentro da rigidez sílica das suas fórmulas, horas ao gozo, horas ao trabalho, horas ao sentimento, horas à materialidade. Mas tudo isso é feito singelamente, com a simplicidade dos esguios vestidos brancos das suas *misses.* Tudo natural, tudo correntio, tudo friamente preconcebido, como a solução de um problema de geometria.

Mas, entre nós, raça latina, de nervos relaxados, cérebro dessorado e confuso, onde tudo se atropela; de uma educação desnorteada, de caráter inacentuado, impreciso, versátil como a dona do Rigoleto; capaz de praticar todos os heroísmos com a mesma inconsciência

com que perpetra todas as baixezas; de uma carência absoluta de senso moral e de um senso prático negativo; raça que, sendo tipicamente sentimental, procura, numa mórbida manifestação de idiotia, simular positivismos e materialidades, não se pode desculpar estes períodos — pedaços soltos de tradição — que se aferra em manter, para dar ares de querer conservar alguma coisa de inatingível ao camartelar, na sua Torre de Marfim. Não repara que o que faz é uma vincada exibição de hipocrisia. E que repare, nem por isso deixa de lhe prestar o mesmo culto.

Não põe sinceridade nesse ato, como, afinal, a não põe em coisa alguma.

Deixou de cultivar o mesurismo recocó dos séculos idos, para dar-se à filauciosa impressão de estar na posse de conquistas superiormente civilizadas; e passou a cultivar a doblez solerte dos caracteres videirinhos, para dar a impressão de charolar na procissão do Progresso.

Faz tudo desconexamente. No mesmo tempo que põe todo o arreganho e sanha em querer mostrar que nada respeita, claudica, fingindo querer deixar na vida pequenos costumes banais, que eleva à categoria de princípios básicos de uma sociedade que se desorganiza e desagrega.

O dia de hoje representa uma dessas banalidades guindadas às alturas solenes de festa registrável.

Nem por isso deixa de ser sensivelmente igual aos outros, nas suas características intrínsecas. Mas apraz ao homem distingui-lo, e não carece de mais, para que seja coisa distinta.

Não se incomoda o sobredito homem com as preocupações sérias, que vai deixando cair pelo caminho, como areia de saco roto. Pouco se lhe dá com aquilo que realmente devia aguçar-lhe a atenção; mas o que não deixa é de levar o ano em fora, à espera de um dia sem outra significação que a de representar, convencionalmente, o começo de um lapso que se denomina ano e que dá o apetecido pretexto para fazer bagatelas e para maçar toda a gente que conhece, com a graciosa hipocrisia de lhe desejar boas-festas.

Ora, bem melhor faria se, em lugar de queimar o pouco fósforo que lhe enriquece a minguada mioleira a cultuar indicações de um formalismo insignificante, se preocupasse antes em solucionar os grandes e fecundos ideais da perfeição humana, até atingir a realização do princípio imarcescível e belo da eterna Bondade.

Seria menos ridiculamente exibicionista, mas era incomparavelmente mais digno da atenção de quem tão pretensiosamente se considera.

-

Cap. XXIII(122)

Julio Diniz

Não venho caturrar como o Eça. Deus me livre de semelhante desacerto. Se não concordo, em absoluto, no princípio em que ele baseia tudo que brilhantemente acaba de dizer-te, concordo inteiramente com o fim.

Já há três anos caturrámos sobre o motivo que hoje nos leva a falar-te. Nem ele nem eu mudamos muito de opinião e nem por isso o mundo deixa de girar.

Concede ele agora que se possam guardar aí dias com a religiosidade com que os maometanos entram nas suas mesquitas. O que não aceita é que todos tenham igual autoridade para o fazerem.

VADE MECUM ESPÍRITA - Ari Novo

Estamos nisso de perfeito acordo. Assim eu, porque me suponho com direito a constituir uma das exceções, reclamo para mim a liberdade de poder conservar, nas minhas lembranças saudosas da terra, o costume de recordar os dias que aí considerei festivos no templo da Fé ou no templo do Afeto.

Essas recordações têm, para nós, os sentimentais, o poético perfume que se evola das flores secas, dadas pelos nossos amores e religiosamente conservadas em gavetas, que se não abrem, como as saudades se conservam em corações que se não esquecem .

Será uma pieguice, será o que quiserem; mas é um bem, é um gozo, é uma felicidade, e há aí tão pouco de gozo, de bem, de felicidade, que praticará uma feia ação o que nos quiser despojar dessas pequenas parcelas da nossa pobre riqueza.

Não vai, no que digo, censura ao Eça. Não tenta ele despojar ninguém do que legitimamente possui. O que ele quer é destruir um hábito de hipocrisia, arrancando um bioco, que permite rir a quem quer dar a impressão externa de chorar, ou que permite espumar de raiva, quando finge sorrir amorosamente.

Sob este aspecto, penso como ele e sinto não poder traduzir como ele o meu pensar.

No uso, pois, do meu direito, aproveito o dia de hoje para vir trazer-te palavras amigas. Bem precisas tu delas, na longa e amarga quadra que vens atravessando.

Não te tem sido a vida, ultimamente, leito de flores, como queria o poeta. Se algumas têm aparecido, têm servido para mais facilmente ocultar à tua precaução os espinhos com que te têm querido lacerar.

Bastos momentos de dor te amarguraram o ano findo. Nem à Justiça, nem à Bondade humana fizeste grande dívida por mercês que elas te fizessem; antes parece que tudo se apostou em te querer dar a sensação de que uma e outra haviam emigrado desse mundo.

O que te sucederá no ano em que acabas de entrar? Não sei; e que o soubesse não to poderia dizer

Sabes que o caminho a percorrer não se pode ganhar de salto. Há-de ser palmilhado, duramente palmilhado.

Quando aí os homens te hostilizarem, refugia-te em nós. E' que te não conhecem. Não lhes queiras mal por isso. Deixa-os.

Se é legítimo que lhes procures ganhar o apreço, não deves, entretanto, baixar-te a disputar-lhes a comiseração. Despreza-a, antes que eles te desprezem pela baixeza . À consideração dos homens é coisa bonita, mas é frágil. E' como as bonecas de *biscuit:* lindas por fora, mas de interior vazio. Não te canses em buscá-la. E' como a fortuna: foge aos que a perseguem e persegue os que a desprezam. Ou ela não fosse feminina...

A hora da justiça soará para toda a gente. Quando não soe de modo que todos a ouçam, soa, pelo menos, na capelinha da nossa consciência e aí o som da sineta que a anuncia é mais suave e mais lindo que o dos grandes carrilhões das catedrais estranhas.

Conserva tranquila a tua consciência e deixa que passe a caravana. Em nada servirá, para o teu futuro espiritual, a opinião dos outros, em nada;. e a tua servirá dê muito.

Recorda-te. Quantas vezes te terás sentido rodeado de manifestações carinhosas e admiradoras, tendo o coração sangrando doridamente, atravessado pelo espinho de algum remorso, que ninguém tem o condão de aliviar? E, quantas vezes, ao invés, te sentirás mal apreciado, ofendido, injustamente insultado, tendo a consciência a rir como um bando de cotovias em manhã de Maio?

Entrincheira-te na tua consciência. Esteja ela tranquila e será fortaleza inexpugnável.

Os ódios, as mesquinhices e toda essa longa série de sentimentos condenáveis, que

VADEMECUM ESPÍRITA - Ano Novo

procura assediar-te, não te atingirão na única conquista eterna, a da perfeição espiritual, se não fizeres por merecê-lo .

Pode prejudicar-te aí no pão; mas nem só de pão vive o homem, como disse o Mestre; pode prejudicar-te no apreço dos que te não conhecem; mas esse apreço é fugaz e precário. E' como as areias da praia: o mar, que as leva, as traz novamente. E, quando as não traga, não é isso causa para grande desgosto.

A perda não será grande e louco será quem pensar em fazer construção sobre base tão falsa. *Cumpre o teu dever, doa a quem doer,* diz-se. Cumpre, pois, o teu para com Deus, para com os outros e para contigo, sem te importares saber qual é o resultado imediato. Se, por isso, te sentires aí insulado, não esqueças nunca que é por tal preço que aumentarás aqui o número dos que te amam e admiram.

E quando esta consideração puramente subjetiva não chegue para animar-te e fortalecer-te nas lutas que vens travando, há outra, de ordem mais real, que tu conheces, a que já me referi, mas que nunca será demais recordar: a tranquilidade da tua consciência, que é a aprovação dos teus atos na lei imutável da apreciação de Deus.

Quem tiver a companhia amiga da sua consciência serena, tem a melhor companhia na vida. Tem a alma cheia de luz e o coração a cantar. Quem estiver desacompanhado da sua consciência, será como um pobre cego desacompanhado de seu guia. Estará só, no meio da multidão.

Quando a consciência o acusar, verá a acusação nos olhos e nos lábios de toda a gente; mas, quando ela lhe não reprovar os atos, pode todo o mundo berrar maldições, que não as ouvirá, nem se sentirá por elas atingido.

Não constitui, para ti nem para ninguém, novidade o que te digo; mas nunca é demais rememorar e creio que te não podia trazer melhores palavras no dia de hoje, quando vais entrar aí em um novo ano, como se entrasses numa longa estrada desconhecida .

Serenidade. Lembra-te que o teu futuro será obra da tua obra. Não esqueças, jamais, esta grande, esta iniludível verdade.

Cap. XLI(211)

Julio Diniz

ANO NOVO!

Ano Novo! Ano Bom!

Para quantos, aí, esta exclamação equivalerá ao "Terra! terra!" gritado pelo gajeiro que, outrora, no cesto de gávea da nau acossada pelo temporal, vigiava, ansioso, terra onde se abrigassem!

Para quantos ele traduz a única esperança longínqua, como para um mísero náufrago que se debate na agonia da morte, entre o mar e o céu, agarrado a um frágil destroço do seu navio, a asa branca de uma vela perdida no esfumado plúmbeo do horizonte, representa a salvação! Para quantos, meu Deus, para quantos!

Ano Novo! Finda hoje o ano velho. A humanidade para e olha para trás. Toma fôlego nesta carreira incessante e desordenada da vida. Reflete, rememora e chora ou sorri, consoante a marcha feita. Pôr cada um que sorri ao lembrar-se de alegrias que gozou, de felicidades que fruiu, quantos chorarão amarguradamente ao recordarem bens que perderam, felicidades que se envaíram, dores que lhe pungiram o ser?

VADEMECUM ESPÍRITA - ANO NOVO

A quantos a saudade torturará nas suas algemas aveludadas, a quantos matará com o doce veneno dos seus filtros?

Quantos olharão para este ano que se vai e cerrarão desesperadamente os punhos, invectivando-o, insultando-o, maldizendo-o, porque não trouxe senão desenganos, porque lhes não deu senão sofrimentos? Meu Deus! Nem eu sei!

Ao olharmos para aí, não vemos senão gritos de blasfêmia ou de aflição! Há risadas de doídos, que são acusações, há sorrisos de resignação que equivalem a sombrias tragédias de dor.

Uns choram entes que lhes fugiram nas asas da morte, para o campo desconhecido; outros, pessoas que se ausentaram para longe, acossadas pelo aguilhão da necessidade, guiadas pelas ambição ou pela fome! Outros olham vagamente para o infinito, através de entristecida lente de saudades e lágrimas, como querendo ver, lá, muito longe, o Deus do seu amor, que lhes dê esperanças, que lhes dê forças! E, depois, o pensamento, que acompanhou o fito melancólico do olhar, baixa e rasteja pela terra na busca dolorida dos pais velhinhos que têm, muito longe, perdidos na sua aldeia pobrezinha, dos filhos amados, da esposa, dos amigos, aqui e ali perdidos, como pedaços da sua vida de párias, de expatriados!

E esse pensamento os encontra, envolve, acaricia docemente, enquanto os olhos deixam correr lágrimas, como que derretendo, em gotas, o turvo cristal por onde conduzia ao coração as imagens amadas desses que o pensamento via nas regiões distantes!

Por cada um que diga hoje entristecidamente: “mais um ano” — quantos dirão, em soluçada amargura, com o coração apertado e a alma escurecida — “ainda só mais um ano”!

Aqueles têm pesar pelo que perdem; estes têm medo pelo que ainda terão de passar aí, e olham para o termo da jornada em que se arrastam, cansados, lacerados, pungidos, como o marinheiro perdido em navio desarvorado olha para o farol, que na costa distante brilha através da cerração e da tempestade, como que gritando-lhe na sua insistência luminosa: Coragem! coragem! que aqui está a salvação! E eles, os desgraçados, lá vão remando, lá vão lutando, em choros convulsos, em gemidos fundos, a braços com a dor, com a fome, com as perseguições, com as calúnias, com a tristeza, com as saudades, olhar fito numa esperança, pensamento elevado ao Deus de misericórdia, suplicando-lhe ânimo para chegarem ao termo da jornada com a consciência de quem cumpre rigorosamente um dever.

Por cada onda mais alterosa que ameaça tragar-lhes o barco, eles supõem perdido o norte com o perderem de vista o farol; mas a onda baixa, o barco passa e eles voltam a ver a luz, já mais perto, já mais acariciadora!

Estes são os tristes! São nossos irmãos, são nossos companheiros na amargura.

Não cogito de saber quantos espíritos fortes, quantas almas de aço, finamente temperadas, acharão piegas o que digo. Se à rijeza da sua têmpera corresponder a pureza das suas consciências e a beleza das suas almas, poderão estranhar esta linguagem, como um feliz da vida estranhará a lamúria aflitiva de quem esmola por ter fome, mas certamente se apiedará desses a quem nem sequer é dado rastejar por sob as mesas onde gozam de seu festim.

Não conhecerão a tristeza das almas compassivas, que choram as suas desditas e as desditas alheias, que se torturam na amarga contemplação dos sofrimentos que aí alanceiam infelizes a quem se não pode levar socorro e a quem nenhum socorro bastaria; não conhecerão as cavernas pavorosas das almas onde tumultua o mal, o negrume daquelas

VADE MECUM ESPÍRITA - ANO NOVO

onde vive a dor, a aflição daquelas onde esgarça a saudade. Mas, porque as não conhecem, elas não deixam de existir. Se não podem dar aos tristes um pouco da alegria que lhes sobra, não pensem mal dos que vivem nas gemônias da vida, sofrendo por si ou sofrendo pelos outros.

Nós, tu e eu, cá estamos na paragem costumada, desde que nos conhecemos. Olhamos ambos para mais um ano aí passado e nem tu nem eu podemos sorrir, se não bem pela mágoa das coisas próprias, pela mágoa das coisas alheias.

Quanta desolação vemos estendida como escuro lençol a cobrir o cadáver do ano findo!

Para qualquer parte do mundo que se olhe, veem-se lágrimas, sofrimentos, maldades. E' o que há. Não há coração que não tenha sido atingido, no espaço decorrido desde a nossa outra paragem; não há alma que não tenha sido provada. E por cada uma que resiste à prova, quantas sucumbem!

E se com a vista procuramos os lugares simpáticos ao nosso espírito, onde a nossa saudade nos prende e que o nosso amor consagra, então que doloroso pungir! Que fundo pesar, por nós e pelos que vemos! Almas esmagadas, consciências torcidas, afetos partidos! Por toda a parte a desordem e a inquietação; por toda a parte ruínas de caracteres, destroços de vidas! Ruem reputações e ruem os templos! Ardem relíquias seculares, destroem-se belezas artísticas! Aniquilam-se liberdades que foram cimentadas em sacrifícios heroicos, anulam-se conquistas de gerações de santos, de mártires ou de valentes! Arrancam-se esperanças aos corações e substituem-se por confrangedoras agonias; desunem-se parentes e amigos; partem-se convivências, espancam-se crianças que eram o lenitivo e o conforto de infelizes; perseguem-se os homens como quem monteia feras; espalha-se o ódio; a denúncia e a espionagem elevam-se à categoria de virtudes; o saque arvora-se em direito, o arbítrio em lei, a perseguição em lema! Não mais poder pensar livremente, senão no recesso íntimo de cada cérebro; não mais poder falar livremente, sem receio de que sobre as palavras e sobre quem as pronunciar corram os ferro- lhos das casas-matas das fortalezas! E para quê? Que tétrica ilusão desvaira aí tanta gente! Mas para que tudo isso, se a Morte espreita constantemente os homens e a cada momento ceifa impiedosamente senhores e escravos, grandes e humildes, perseguidores e vítimas, ricos e miseráveis, triunfa- dores e vencidos!

Parece que um temporal de vesânia se desencadeou sobre a nossa terra! Parece um triste hospital de loucos, onde cada habitante apresenta uma loucura nova! Tudo isso nos lega como lúgubre herança o ano que finda! E, ai de nós! que não vemos que o que vem nascendo, envolto no arrebol dourado da primeira manhã de Janeiro, traga, nas suas faixas, promessas de dias mais consoladores! Aqui e ali luzem esperanças como fúlgidas centelhas; mas, são quase sempre tristes ilusões que se esvaem, criadas pelo nosso desejo, alimentadas pelo nosso anseio. Surgem e vão-se, como fogos fátuos, deixando cada uma mais uma mágoa a assinalar o lugar onde a nossa alma as acalentou!

A vida, aí, é assim! Quem dera que pudéssemos rir dela, como o Eça!

Rir! E ele ri? Crês que ele ria? Atenta! Escuta e ouvirás, no fim de cada casquinada dele, um soluço de dor a estrangular lhe a alma! Ele ri como um Rigoleto! Ri para os outros, que se encantam com a música dos seus risos; mas, chora, chora lágrimas de sangue vivo, arrancado pela tortura à sua alma de triste!

E quantos rirão assim, aí? Meu amigo, o ano vai findar. Tu dirás, talvez, "ainda só um"!…

Não sei se o poderás dizer com razão, ante a justiça absoluta. Ante a justiça relativa, a que se vê, não posso deixar de reconhecer que a tens. E' um mal que já passou. Não deixes, porém, que a tua fantasia te abra o coração a novas esperanças cor de rosa. Olha que essas

VADE MECUM ESPÍRITA - AR NOVO

esperanças, como as rosas de que vestem a cor, presto murcham e, ou secam, deixando em nossa vida a amarga saudade dos sonhos lindos, desfeitos, ou apodrecem e dão à nossa sensibilidade a repugnância das coisas que despertam nojo!

Há esperanças que são como os virginais corpos das namoradas: apetecem-se e amam-se, enquanto têm vida; fedem e repugnam depois de mortos!

Não te deixes fascinar pela miragem. Aceita a vida como ela é aí: apanágio da dor, laboratório do aperfeiçoamento.

Se assim o fizeres, não irás chocar, a cada passo, com obstáculos que te farão desesperar.

Segue como tens vindo. Deixa-te guiar pela Consciência, que ainda é o melhor moço que Deus prestou á tua cegueira.

Não prestes ouvidos ao vozear dos outros. Ouve só os que choram, para consolá-los; os que sofrem, para os aliviar.

Não te deixes vencer pelo desalento, nem pelo desespero. Em cada hora Deus põe uma felicidade; e temos, às vezes, mais próxima, aquela que nos cabe, do que podemos imaginar, ainda nas mais fagueiras esperanças a que a nossa fantasia dê vida.

Não olhes mais para trás, senão para tirar lição e para enviar os teus sorrisos e as tuas saudades às recordações boas que o tempo deixou cair na tua vida triste e amargurada.

As tuas afeições, as tuas alegrias, as tuas crenças, as pessoas que amas, não as deixes no passado : — nem os que morreram, nem os que aí tens. Trá-las contigo, prende-as a ti, por modo que para todas haja sempre o presente, ante a tua vista, ou ante o teu pensamento.

Não deixes caída na vala do esquecimento senão a ingratidão dos outros. Os teus próprios atos ou pensamentos maus ante o teu olhar, para emenda e repulsa; os atos dos outros para te apiedares, para perdoares a eles e para os evitares em ti.

E nesta altura da vida, montanha escabrosa e íngreme para ti, onde te tenho vindo acompanhando — ai de mim! — sem te ter prestado auxílio eficaz nem valedor, vou deixar-te, por agora. Olhemos mais uma vez para trás: não para contemplarmos o quadro desolador, efetivamente desolador, que se desenrola à nossa vista; mas, para nos alegrarmos ao ver a distância enorme, eficaz e utilmente percorrida, na ascensão desse Calvário.

Está vista? Toma a tua cruz e segue avante.

Coragem, meu amigo; coragem, meu irmão!

EÇA DE QUEIRÓS, PÓSTUMO

Fernando de Lacerda

Cap. VI (51)

Já transcrito do livro Do País da Luz Cap. XXXV (228)

VADE MECUM ES

Cap. XX (199)

Já transcrito do livro Do País da Luz Cap. XXII(117)

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo

uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário grupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.

VADE MECUM ESPÍRITA - Ano Novo